

Artigos de revisão (sistemática ou de escopo)

Psicologia e migração de estrangeiros para o Brasil: uma revisão sistemática da literatura brasileira

Wydglan da Silva Cruz¹ e Alexandre José de Souza Peres¹

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil

Submissão: 21 set. 2023.

Aceite: 15 out. 2025.

Editor de seção: Jessica Mayumi Maruyama.

Nota dos autores

Wydglan S. Cruz  <http://orcid.org/0000-0001-7085-7294>

Alexandre J. S. Peres  <http://orcid.org/0000-0002-3472-6120>

Financiamento: Este estudo foi realizado com o apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

Correspondências referentes a este artigo devem ser enviadas a Alexandre José de Souza Peres, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Av. Costa e Silva s/n, CEP 79070 900, Campo Grande, MS, Brasil. CEP 79070-900. Email: alexandre.peres@ufms.br

Conflito de interesses: Não há.

Resumo

Entre 2010 e 2020, a quantidade de solicitações por estrangeiros para residir no Brasil aumentou quase dez vezes, passando de 105.094 para aproximadamente 1,2 milhão. Esse período foi marcado por fluxos migratórios com uma diversidade de origens, com destaque para migrantes da América do Sul, Caribe e África. Diante desse cenário, este estudo teve como objetivo mapear como a Psicologia brasileira tem investigado os fluxos migratórios de estrangeiros para o país. Para tanto, realizou-se uma revisão sistemática da literatura nacional nas bases da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e da Biblioteca Virtual de Psicologia (BVS Psi Brasil), sem restrição de ano ou idioma. Foram selecionados 17 artigos, analisados quanto a amostras, construtos, instrumentos, procedimentos de coleta e análise de dados. Os fluxos oriundos do Haiti (35%) e de países africanos (25%) foram os mais investigados. Os principais constructos abordaram saúde mental, qualidade de vida e adaptação cultural. Quanto aos aspectos metodológicos, dez estudos foram qualitativos e sete quantitativos. Quanto aos procedimentos, identificaram-se: sete *survey* (41,17%), três estudos de caso, dois bibliográficos, dois documentais, dois de campo e um etnográfico. Os resultados indicam um campo em consolidação, com diversidade de enfoques e atenção crescente a contextos migratórios específicos.

Palavras-chave: migração internacional, estrangeiros, psicologia, migração humana, revisão sistemática

PSYCHOLOGY AND MIGRATION: A SYSTEMATIC REVIEW OF BRAZILIAN LITERATURE

Psychology and Migration: a Systematic Review

Abstract

Between 2010 and 2020, the number of applications by foreigners to reside in Brazil increased almost tenfold, rising from 105,094 to approximately 1.2 million. This period was marked by migratory flows from a diverse range of origins, with a notable presence of migrants from South America, the Caribbean, and Africa. In light of this scenario, the objective of this study was to map how Brazilian Psychology has investigated the migratory flows of foreigners to the country. To this end, a systematic review of the national literature was conducted using the databases of the Virtual Health Library (BVS) and the Virtual Library of Psychology (BVS Psi Brasil), with no restrictions on year or language. A total of 17 articles were selected and analyzed regarding samples, constructs, instruments, data collection and analysis procedures. Flows from Haiti (35%) and African countries (25%) were the most investigated. The main constructs addressed included mental health, quality of life, and cultural adaptation. Regarding methodological aspects, 10 studies were qualitative and 7 were quantitative. As for procedures, the following were identified: seven surveys (41.17%), three case studies, two bibliographic studies, two documentary studies, two field studies, and one ethnographic study. The results indicate a field in consolidation, with a diversity of approaches and growing attention to specific migratory contexts.

Keywords: international migration, foreigners, psychology, human migration, systematic review

PSICOLOGÍA Y MIGRACIÓN: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA DE LA LITERATURA BRASILEÑA

Psicología y Migración: Revisión Sistemática

Resumen

Entre 2010 y 2020, la cantidad de solicitudes de extranjeros para residir en Brasil aumentó casi diez veces, pasando de 105.094 a aproximadamente 1,2 millones. Este período estuvo marcado por flujos migratorios con una diversidad de orígenes, destacándose los migrantes de América del Sur, el Caribe y África. Ante este escenario, el objetivo de este estudio fue mapear cómo la Psicología brasileña ha investigado los flujos migratorios de extranjeros hacia el país. Para ello, se realizó una revisión sistemática de la literatura nacional en las bases de datos de la Biblioteca Virtual en Salud (BVS) y de la Biblioteca Virtual de Psicología (BVS Psi Brasil), sin restricción de año o idioma. Se seleccionaron 17 artículos, los cuales fueron analizados en cuanto a muestras, constructos, instrumentos y procedimientos de recolección y análisis de datos. Los flujos provenientes de Haití (35%) y de países africanos (25%) fueron los más investigados. Los principales

constructos abordaron la salud mental, la calidad de vida y la adaptación cultural. En cuanto a los aspectos metodológicos, 10 estudios fueron cualitativos y 7 cuantitativos. Respecto a los procedimientos, se identificaron: siete encuestas (41,17%), tres estudios de caso, dos estudios bibliográficos, dos documentales, dos de campo y uno etnográfico. Los resultados indican un campo en consolidación, con diversidad de enfoques y una atención creciente a contextos migratorios específicos.

Palabras clave: migración internacional, extranjeros, psicología, migración humana, revisión sistemática

As migrações e o deslocamento humano têm sido impactados pelas recentes transformações globais, provocando mudanças geopolíticas, ambientais e tecnológicas. O recrudescimento geopolítico gerou, recentemente, novos conflitos regionais em áreas consideradas estáveis (OIM, 2024a). Os efeitos dessas transformações sistêmicas globais se intensificaram ainda mais nas últimas décadas e os fluxos migratórios emergiram como temas centrais de ações governamentais voltadas à promoção da transformação social (Castles, 2000; OIM, 2024a; Tashima, 2018). Segundo a Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2024a), em 2020 havia cerca de 281 milhões de migrantes internacionais em todo o mundo, o que correspondia a 3,6% da população global. Desse total, aproximadamente 135 milhões são mulheres, 146 milhões, homens e 28 milhões, crianças.

Existem diversos fatores que direcionam e motivam o deslocamento humano. Quando há possibilidade de escolha, um dos principais motivadores da mobilidade humana é, frequentemente, a economia. Muitos migrantes são atraídos por países economicamente mais desenvolvidos, em busca de melhores oportunidades de trabalho e de qualidade de vida (Berry et al., 2011). Para outras pessoas, esse processo se dá de forma forçada, devido a situações adversas vivenciadas em seus países de origem. Nesses casos, podem ser solicitadas e concedidas proteções nos países de destino, conforme previsto em acordos internacionais. As motivações desses migrantes são diversas, podendo incluir a fuga de conflitos armados, perseguições ou catástrofes climáticas, por exemplo (Danfá & Aléssio, 2020).

A nova era da globalização redefiniu o padrão da mobilidade humana, impulsionada por avanços tecnológicos nas áreas de informação, transportes e transações financeiras internacionais, os quais têm favorecido o deslocamento de milhares de pessoas em busca de lazer, trabalho e moradia em outros países. Outros fatores que contribuem para esse processo incluem: a) a procura de redes transnacionais – comunidades de migrantes que incentivam e favorecem a migração de seus amigos e familiares; e b) o desequilíbrio demográfico entre os países em desenvolvimento e os países mais desenvolvidos economicamente, nos quais há demanda por trabalhadores para suprir postos de trabalho, muitos desses de baixa qualificação ou subempregos (Jesus, 2020; Tashima, 2018).

Independentemente da intenção inicial, vários migrantes acabam se fixando na nova terra. Pelas razões citadas e por muitos outros motivos, a migração modifica a configuração das sociedades envolvidas. Nas sociedades receptoras, é presenciada uma reestruturação demográfica, econômica, política, social e cultural (Castles, 2000; OIM, 2024a; Tashima, 2018). A migração provoca mudanças inevitáveis, possibilitando a criação de um ambiente de diversidade cultural ou de ameaça e conflitos intergrupais. Cabe aos líderes políticos preparar suas populações para essas transformações sociais e antecipar ou minimizar o surgimento de problemas relacionados à migração (OIM, 2024a; Tashima, 2018).

Verifica-se um aumento do interesse dos governantes pelo bem-estar da população migrante. Em 2013, o Relatório Mundial de Migração trouxe pela primeira vez como tema o bem-estar dos migrantes, evidenciando a importância dessa temática para o desenvolvimento das

sociedades e para o fenômeno da migração (OIM, 2013). O grande foco deste relatório, diferentemente da ênfase frequente nos dados socioeconômicos, foram os migrantes enquanto pessoas e as repercussões da migração na vida desses indivíduos e de suas famílias. O foco no elemento humano requer uma mudança na política dos Estados a fim de tratar a migração como uma questão de direitos humanos, e não mais como uma questão de segurança nacional e de proteção do mercado de trabalho (OIM, 2013). Os Relatórios de 2022 e 2024 apresentam os cenários geopolíticos que estão diretamente conectados aos fluxos migratórios considerando as dinâmicas recentes e previstas (OIM, 2024a).

A migração no Brasil teve início com a chegada dos portugueses, no contexto da colonização, cujo objetivo era a apropriação militar e econômica das terras, bem como a implantação da grande lavoura de exportação. Esse modelo econômico deu origem ao tráfico de pessoas escravizadas oriundas do continente africano, um fluxo migratório forçado que perdurou por três séculos, até 1850, e introduziu cerca de 4 milhões de pessoas na colônia. Esse processo consolidou a sociedade escravocrata, que marca profundamente a história brasileira, deixando traços significativos na cultura nacional mesmo após a Abolição, em 1888 (Danfá & Aléssio, 2020; Patarra & Fernandes, 2011).

No início do século XIX, o movimento migratório começou a se diversificar com experiências de migração livre direcionadas a pessoas de outras nacionalidades, além dos portugueses. Um projeto de colonização agrícola, com objetivos de defesa e povoamento de terras por meio de pequenas propriedades de policultura, atraiu alemães, italianos e outros estrangeiros para o Sul do país. Já em meados desse mesmo século, migrantes passaram a se dirigir para a região da cafeicultura no oeste paulista, enquanto outros grupos foram destinados a trabalhos em obras de infraestrutura, como a abertura de estradas e rotas (Gonçalves, 2017; Oliveira, 2021; Patarra & Fernandes, 2011).

Migrantes e pessoas escravizadas marcaram o deslocamento populacional impulsionado tanto pela grande demanda interna por mão de obra, decorrente da expansão da lavoura exportadora no Brasil, como pelas conjunturas específicas das regiões de origem dos que ao país chegaram. Ambos os fluxos estavam inseridos na ordem econômica mundial, historicamente transformada em virtude da industrialização dos principais países europeus e dos Estados Unidos, cujo marco temporal remonta ao século XIX (Audebert et al., 2023; Gonçalves, 2017).

A Abolição da Escravatura, em 1888, trouxe novos desafios e demandas. A grande expansão da produção de café, associada à escassez de mão de obra nacional, possibilitou a abertura do Brasil à migração. Um intenso período de migração da Europa para as Américas – especialmente para o Brasil – ocorreu entre 1870 e 1930. Estima-se que, nesse contexto, cerca de 40 milhões de pessoas migraram da Europa para as Américas (Patarra & Fernandes, 2011).

Com a crise econômica mundial de 1929 e, conseqüentemente, a crise do café, os fluxos migratórios para o Brasil entraram em uma nova fase. A redução progressiva da imigração internacional, decorrente dessas transformações econômicas, gerou uma crescente demanda por força de trabalho, que passou a ser suprida por migrações internas. Em 1930, foram publicadas as

primeiras medidas de restrição à entrada de migrantes internacionais, que se intensificaram até a fixação de cotas nas Constituições de 1934 e 1937 (Patarra & Fernandes, 2011).

Como consequência das hostilidades na Europa e no Oriente que culminaram na Segunda Guerra Mundial (1939–1945), os fluxos migratórios para o Brasil foram praticamente interrompidos. Segundo Patarra e Fernandes (2011), na segunda metade do século XX, a migração ocorreu de forma incipiente, sem a ocorrência de fluxos de grande expressão. Isso indica que, até meados da década de 1980, o Brasil poderia ser considerado um país fechado à migração.

A partir da década de 1980, o Brasil inicia uma nova fase no tocante aos deslocamentos de sua população, período em que o fluxo de brasileiros para residir fora do país passou a ser discutido tanto pela mídia quanto a ser investigado por pesquisadores de diversas áreas. De um país historicamente receptor de migrantes, o Brasil passa a emigrar, sendo os principais destinos os Estados Unidos, a Europa e o Paraguai (Patarra & Fernandes, 2011). Se nos anos 1980 a maior parte dos fluxos migratórios de brasileiros se destinava aos EUA, a partir dos anos 1990 os fluxos se direcionavam a diversos países europeus. O primeiro fluxo migratório importante, por razões históricas e culturais, é a entrada de brasileiros em Portugal. Esse fluxo mantém-se estável até a primeira década de 2000, quando se destacaram no contexto migratório com a presença de brasileiros países como Espanha e Itália (Martes & Fazito, 2010) e Reino Unido e Irlanda (Patarra & Fernandes, 2011).

No período citado no parágrafo anterior, passa-se a observar novas tendências de migração internacional no país, que passa a receber coreanos, chineses, bolivianos, paraguaios, chilenos, peruanos e africanos oriundos de diversos países. No período de 2008 a 2011, o número anual de estrangeiros que solicitaram visto para trabalho ou residência no Brasil aumentou 60%, passando de 43.993 em 2008 para 70.524 em 2011 (Patarra & Fernandes, 2011).

Entre 2013 e 2022, foram registrados no Brasil aproximadamente 1,2 milhão de migrantes solicitando residência de longa duração ou temporária, representando um aumento superior a dez vezes em relação ao número registrado no início do período (Cavalcanti et al., 2023). Destaca-se, nesse contexto, o crescimento da presença de mulheres e crianças nos fluxos migratórios. Durante esse período, algumas origens de fluxos migratórios historicamente relevantes perderam protagonismo, como aqueles provenientes de Portugal, Espanha, Alemanha e Itália. Em 2013, os haitianos – cujo fluxo migratório começou a se intensificar em 2010 – representavam a principal nacionalidade entre os solicitantes de residência de longa duração (Cruz et al., 2024). Com o agravamento da crise humanitária na Venezuela na década de 2010, o Brasil passou a integrar a rota de migração venezuelana, e essa nacionalidade passou a ocupar o primeiro lugar nos pedidos de residência de longa duração (Oliveira, 2024).

Os estudos psicológicos sobre a migração

Como já destacado, as migrações internacionais provocam mudanças nas dinâmicas das sociedades de origem e destino, tratando-se de um fenômeno complexo investigado por diversas áreas do conhecimento, como Sociologia, Economia, Antropologia, História, Ciência Política,

Geografia e Psicologia (Faqueti et al., 2020; Patarra & Fernandes, 2011). Quanto à Psicologia, o que se verifica é uma contribuição tardia comparada às contribuições das demais áreas. Em 1994, um evento acadêmico nos Estados Unidos simbolizou o interesse tardio da Psicologia pela temática. Dentre os vários representantes de diversas disciplinas, não havia nenhum psicólogo no evento (Tashima, 2018).

A Associação Americana de Psicologia (APA, 2013a) apresenta que os estudos sobre migração estão gradativamente aumentando, mas ainda carecem de uma compreensão teórica e metodológica mais consistente do fenômeno, dada a sua complexidade. Essa organização recomenda que, para expandir os conhecimentos sobre os migrantes, a Psicologia precisa ponderar alguns aspectos importantes ao lidar com essa população. Os profissionais da psicologia estão cada vez mais atendendo migrantes e seus familiares em diversos contextos, incluindo escolas, centros sociais e comunitários, clínicas e hospitais, entre outros. Com isso, esses profissionais devem estar cientes da complexidade da transformação demográfica e considerar suas implicações como cidadãos, profissionais e pesquisadores (APA, 2013a).

Nos EUA, segundo a APA (2013a, 2017), os estudos estão voltados para a compreensão do processo de migração desde a saída do país de origem até a entrada no país acolhedor, o processo de aculturação, a discriminação no contexto social e no processo de acolhimento, aculturação e saúde mental, as diferenças intergeracionais na aculturação dos migrantes, e estudos nos contextos educacionais e clínicos. É importante destacar que há um certo estranhamento entre os pesquisadores quanto ao conceito de aculturação.

Segundo Rudmin et al. (2017), etimologicamente, a palavra *aculturação* remete à ideia de direção, ou seja, movimento em direção a uma cultura ou aquisição de uma segunda cultura. Neste estudo, utiliza-se o conceito de *aculturação* (*acculturation*), entendido como o processo pelo qual indivíduos ou grupos adaptam seus valores sociais, culturais, ideais, crenças e comportamentos, adaptando-os da cultura de origem à nova cultura com a qual mantêm contato direto e contínuo (APA, 2023b; Michaelis, 2023a).

Portanto, não se deve confundir o construto de aculturação, oriundo da Psicologia Social, com o conceito de *desculturação* (*deculturation*), que se refere à perda ou supressão de uma identidade cultural como resultado do contato com uma cultura distinta (geralmente dominante), de forma intencional ou não (APA, 2023c; Michaelis, 2023b). O Dicionário Crítico de Migrações Internacionais (Cavalcanti et al., 2017) define aculturação como sinônimo de adaptação, entendida como um processo multicausal, influenciado por fatores individuais e sociais, internos e externos, que envolvem dimensões socioculturais, psicológicas e econômicas.

No Brasil, há estudos que abordam diferentes aspectos do processo de migração internacional, como psicopatologia (Bustamante et al., 2019), estresse pós-traumático (Brunnet et al., 2017), saúde mental (Dantas, 2016), qualidade de vida e aspectos culturais (Weber et al., 2019) e representações sociais (Franken et al., 2012). A maior quantidade de pesquisas sobre migrações no Brasil concentra-se na migração interna, quando ocorre a mobilidade humana em busca de emprego e melhor qualidade de vida dentro do próprio país (Fonseca, 2020), na

migração internacional de brasileiros para outras partes do mundo (Tashima & Torres, 2018) e na migração de retorno, que ocorre quando brasileiros que migraram para outros países retornam ao Brasil – como é o caso dos dekasseguis, por exemplo (Pessoa & Kohatsu, 2023).

No entanto, apesar dos relevantes estudos sobre esses movimentos migratórios, não se identificam revisões sistemáticas da literatura que tenham se dedicado a mapear as linhas de pesquisa na área de Psicologia sobre a migração de estrangeiros para o Brasil. Até o momento, identificamos as revisões de Bustamante et. al. (2018); Silva & Bucher-Maluschke (2018) e Danfá & Aléssio (2020). No estudo de Bustamante et. al. (2018) é realizada uma revisão sobre migração, trauma e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), com o objetivo de investigar os estressores específicos relacionados à experiência migratória. Silva e Bucher-Maluschke (2018) buscaram analisar as pesquisas em psicologia sobre deslocamentos e migrações forçadas no período de 2006 a 2016. Por fim, Danfá e Aléssio (2020) buscaram analisar o modo como a psicologia tem investigado a migração de africanos para o Brasil.

Diante dessa lacuna, este estudo teve como objetivo geral mapear como se caracterizam as pesquisas da Psicologia brasileira sobre as migrações de estrangeiros para o Brasil. Como objetivos específicos, buscou-se, a partir dos estudos revisados, descrever os aspectos metodológicos dessas pesquisas, bem como identificar as nacionalidades e os contextos em que se inserem as amostras analisadas.

Método

Trata-se de uma revisão sistemática da produção científica brasileira em Psicologia acerca dos processos de migração para o Brasil. Este estudo utilizou o protocolo PRISMA (Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses) para orientar os procedimentos (Page et al., 2021). A busca e a seleção de trabalhos foram realizadas por dois revisores de forma independente. Inicialmente, as referências recuperadas no processo de busca nas bases de dados foram exportadas para o programa gerenciador de referências, o EndNote Web (Thomson Reuters, 2020), no qual procedeu-se à exclusão das duplicatas. Os revisores avaliaram os artigos selecionados no início de cada etapa de triagem para estabelecer a consistência da triagem, considerando 100% de concordância entre os avaliadores.

As buscas foram realizadas de novembro de 2021 a fevereiro de 2022, nos bancos de dados da Biblioteca Virtual em Saúde e da Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil, utilizando os descritores combinados: “migration AND brazil AND psychology”, em inglês, e “migração AND brasil AND psicologia”, em português. A escolha desses bancos de dados justifica-se por serem referências na literatura brasileira e internacional em informação científica nas áreas de Psicologia e Saúde em geral, incluindo índices para periódicos técnicos-científicos, teses, livros, entre outros trabalhos com divulgação científica. Além disso, abrangem os principais índices nacionais de Bases em Textos Completos: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Critérios de inclusão e exclusão de estudos

Os critérios de inclusão de estudos para esta revisão foram artigos brasileiros na área de Psicologia cuja temática tenha sido o fluxo migratório de estrangeiros de qualquer nacionalidade com destino ao Brasil, sem restrições quanto ao idioma e ano de publicação. Os critérios de exclusão aplicados foram estudos: a) que não abordassem o tema migração; b) cujo objeto de estudo não consistisse no fluxo migratório com destino ao Brasil (*e.g.*, fluxo migratório de brasileiros para outros países) e c) que abordassem a migração de retorno (*e.g.*, brasileiros que estão retornando para o Brasil após migração para o exterior).

Análise dos estudos selecionados

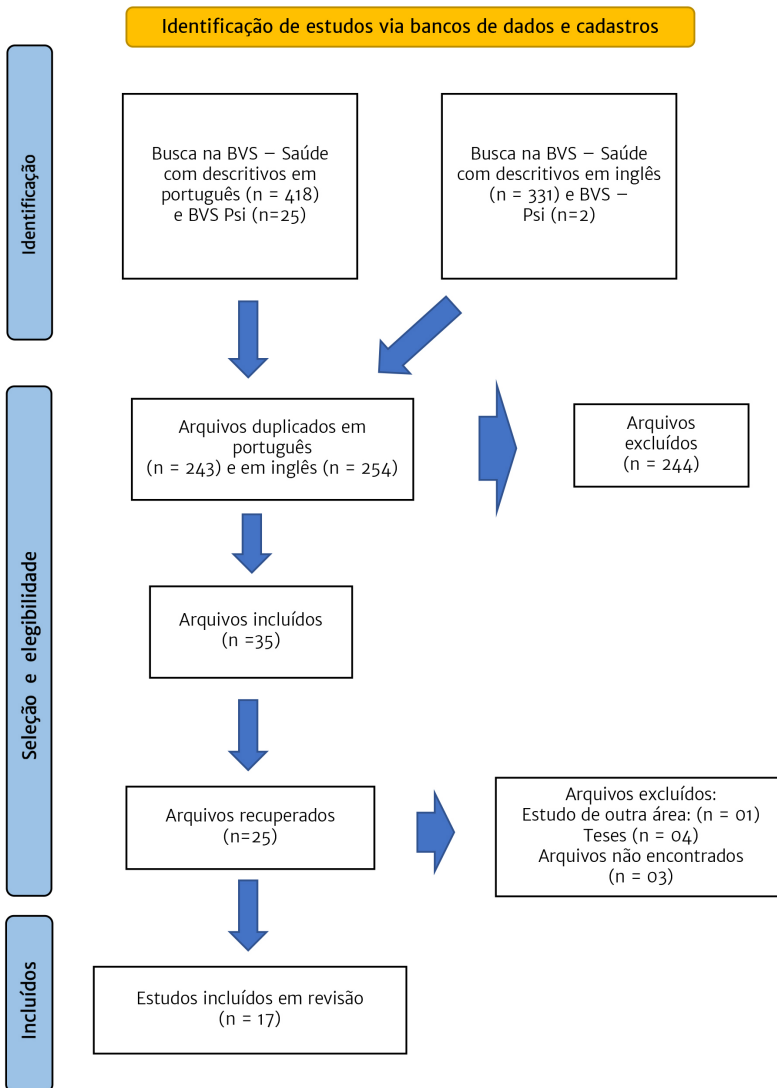
A avaliação de elegibilidade de cada trabalho para a revisão incluiu, em um primeiro momento, a triagem dos títulos, palavras-chave e a leitura dos resumos. Após a seleção dos artigos para revisão, realizou-se a leitura completa dos estudos e sua análise quanto: a) aos anos de publicação; b) às características das amostras estudadas; c) aos construtos avaliados; d) aos instrumentos utilizados; e) aos métodos de análise dos dados; f) às nacionalidades e contextos sociais e históricos dos movimentos migratórios investigados; g) aos fluxos mais estudados e h) aos modos de migração (*i.e.* migração de retorno, refúgio, entre outros).

Resultados

As buscas em português resultaram em 443 artigos, sendo 418 na BVS – Saúde (2021) e 25 na BVS – Psi (2021). Ao usar os descritores em inglês, recuperaram-se 331 artigos na BVS – Saúde e dois na BVS – Psi, respectivamente. Então, foram excluídos 200 artigos duplicados. Após a avaliação dos títulos, palavras-chave e resumos, foram excluídos mais 559 artigos, que atenderam a um ou mais dos critérios de exclusão adotados. Assim, foram selecionados 17 artigos revisados integralmente, conforme Figura 1.

Figura 1

Fluxograma da seleção do estudo



Quanto aos artigos excluídos, inicialmente foram removidos os duplicados, que totalizaram 230 trabalhos. Os demais artigos excluídos, que totalizaram 254 trabalhos, podem ser separados nas seguintes categorias: dois estudos de migração de retorno de brasileiros (Baptista et al., 2017), que se referem aos migrantes que deixaram o seu local de origem, residiram por

algum tempo em outra região e depois retornaram ao local de origem; cinco estudos de migrações internas (Dota & Queiroz, 2019), que se referem aos migrantes que se deslocaram de uma região para outra dentro do mesmo país; 16 estudos de migrações de brasileiros para outros países; 11 estudos de migrações internacionais de não brasileiros para outros países, exceto Brasil; 14 teses e dissertações; 110 estudos que investigaram outros temas em Psicologia; 91 estudos que investigaram temas alheios à Psicologia e pertencentes a outras áreas do conhecimento; e sete arquivos não encontrados e/ou indisponíveis.

Os 17 artigos incluídos para revisão foram publicados entre os anos de 2004 e 2020, sendo destaque o ano de 2019, com quatro publicações, e os anos de 2018 e 2017, com três publicações cada. Em contrapartida, não houve publicação nos anos de 2005, 2006, 2008, 2011, 2012, 2013 e 2015.

No que se refere à autoria dos artigos, 15 dos estudos possuem autoria múltipla de dois a 12 autores. Os pesquisadores que se destacaram com o maior número de publicações foram: Bustamante, com duas publicações como primeira autora (2018, 2019), seguida por João L. A. Weber, Alice E. Brunnet e Adolfo Pizinato, que publicaram um artigo como primeiros autores e um artigo como coautores. Em relação aos periódicos, os artigos foram publicados em 15 revistas científicas. Não se observou concentração de publicações em determinados periódicos. Considerando os artigos revisados, os periódicos com maiores números de publicações foram a revista *Psicologia & Sociedade* e o periódico *Brazilian Journal of Psychiatry*, com dois artigos cada.

Migrantes estudados

Quanto às nacionalidades ou grupos sociais que compuseram as amostras estudadas nos 17 artigos revisados, cinco artigos estudaram migrantes haitianos (Barros & Borges, 2018; Brunnet et al., 2017; Gomes, 2017; Leão et al., 2017; Weber et al., 2019). Outros cinco artigos investigaram grupos contendo mais de uma nacionalidade: bolivianos, colombianos, argentinos, chineses, portugueses e paraguaios (Bustamante et al., 2018); bolivianos, haitianos, congoleses, tonganeses, bissau-guineenses, nigerianos, peruanos, marfinenses (Gondim et al., 2016); migrantes africanos (nos estudos analisados, referem-se ao continente) que vieram de diversos países, como São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Camarões, Benin e Moçambique (Lima & Feitosa, 2017); e Barreto et al. (2009) investigaram migrantes de Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Guiné Equatorial. No estudo de Pizinato & Sarriera (2004), participaram brasileiros e migrantes; entre estes últimos, peruanos, uruguaios, angolanos e alemães, colombianos, chilenos, estadunidenses, bolivianos, japoneses, libaneses, italianos, argentinos, russos e israelitas.

Gregos (Costa & Garcia, 2014), japoneses (Sagawa, 2010), sardos (Carta et al., 2020) e bolivianos (Bustamante et al., 2019) foram investigados individualmente em um estudo para cada nacionalidade. Outra categoria adotada investigou mulheres muçulmanas migrantes em São Paulo (Zaia, 2007). Também foram realizados dois estudos de revisão de literatura ou

revisão de documentos, sem menção direta a uma nacionalidade específica (França et al., 2019; Prado & Araújo, 2019).

Bases de dados e participantes dos estudos revisados

Quatro artigos foram revisões de literatura (23,53% dos estudos). Em relação às amostras estudadas, apenas Prado e Araújo (2019) não descrevem as características da amostra utilizada para a sua revisão bibliográfica. No estudo de Bustamante et al. (2018), os autores utilizaram como amostra artigos publicados em português, inglês, espanhol ou francês, indexados até o ano de 2017 nas bases de dados PubMed, SciELO, LILACS e ISI Web of Science. Já o estudo de França et al. (2019) realizou uma investigação documental da legislação utilizando 13 estudos (artigos, teses e dissertações) encontrados na BDTD e SciELO, no período de 2007 a 2017. Além disso, os autores revisaram documentos oficiais e legislações, selecionando seis estados para exemplificar a existência e/ou ausência de políticas públicas em níveis estaduais e municipais.

O pesquisador Sagawa (2010) investigou um episódio histórico e revisou arquivos e documentos que relataram o ocorrido. Esse evento ocorreu em julho de 1946 na cidade de Osvaldo Cruz-SP, onde se registrou um episódio de violência em massa de brasileiros contra japoneses, na qual os grupos de brasileiros saíram à procura de todo e qualquer japonês da região a fim de proferir agressões verbais e físicas, linchamentos e humilhações físicas e morais.

Treze estudos utilizaram amostras com seres humanos (76,47%). Em Barreto et al. (2009), a amostra estudada foi composta por 102 migrantes africanos entre 18 e 35 anos, maioria do sexo masculino (53,8%), solteiros (78,8%) e estudantes (82,7%). Em Barros e Borges (2018), a amostra foi de sete haitianos, maiores de 18 anos, residentes no Brasil há mais de 12 meses, e que residiam no Haiti no período em que houve o terremoto (ano de 2010). No estudo de Brunnet et al. (2017), a amostra utilizada foi de 66 haitianos selecionados em quatro locais diferentes em três cidades na região Sul do país. Carta et al. (2020) utilizaram como amostra 218 adultos, homens e mulheres, residentes em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Belo Horizonte.

Os autores Costa e Garcia (2014) entrevistaram dez migrantes residentes no Brasil há mais de dez anos, oito homens e duas mulheres, coletando os dados no Espírito Santo. No estudo de Gomes (2017), a amostra foi composta por dois grupos de haitianos (estudantes e trabalhadores) na cidade de Florianópolis-SC, porém a autora não especificou o número de participantes. Nos estudos de Gondim et al. (2016), utilizaram como amostra o relato de 11 migrantes de nacionalidades diferentes durante as exposições de trabalhos em um evento.

Nos estudos de Leão et al. (2017), foram investigados 452 haitianos residentes nas cidades de Cuiabá e Várzea Grande, no estado de Mato Grosso, sendo 373 homens e 79 mulheres. Na pesquisa de Lima e Feitosa (2017), participaram oito migrantes africanos de nacionalidades diferentes, com idades entre 19 e 27 anos. Em Pizzinato e Sarriera (2004), utilizou-se uma amostra de 572 crianças e adolescentes brasileiros e 32 migrantes estudantes nas escolas das redes pública e privada de Porto Alegre-RS. No estudo de Bustamante et al. (2019), a amostra foi de 104 bolivianos residentes em São Paulo há pelo menos 30 dias, entre 18 e 80 anos. Em Weber et al.

(2019), utilizaram-se como amostra 67 migrantes haitianos, com idades entre 19 e 58 anos ($M = 33,87$; $DP = 5,47$), dos quais 77,6% homens, com alta escolaridade ($M = 10,5$; $DP = 4,53$) e 56,7% falam o idioma português.

Por fim, Zaia (2007) realizou um trabalho com mulheres migrantes de primeira geração, diferentes idades e países de proveniência. Todas se autodenominavam religiosas e muçulmanas. A autora não descreveu a quantidade de mulheres no trabalho.

Procedimentos de análise de dados empregados

Em relação à análise dos dados dos estudos qualitativos e estudos de caso, dois estudos realizaram análise de conteúdo (Barros & Borges, 2018; Gondim et al., 2016), dois estudos realizaram análise do discurso (Gomes, 2017; Lima & Feitosa, 2017) e um estudo realizou análise temática (Costa & Garcia, 2014). Quanto aos estudos quantitativos e de levantamento (*survey*), quatro estudos utilizaram técnicas de comparação de proporções e de médias. Brunnet et al. (2017) utilizaram MANOVAs, correlações de Pearson, qui-quadrado e teste *t*. O estudo de Carta et al. (2018) utilizou a comparação dos escores da variável dependente e variáveis independentes com um método de padronização direta. A significância estatística foi calculada com um teste de χ^2 (1 grau de liberdade) e as medidas expressas em *odds ratio* (OR) com intervalo de confiança de 95% (IC 95%), calculadas pelo método simplificado de Miettinen.

Leão et al. (2017) utilizaram procedimentos de Lwanga & Lemeshow e o teste qui-quadrado com nível de significância em 5%. No estudo de Bustamante et al. (2019), utilizaram estatística descritiva, histograma e teste de Kolmogorov-Smirnov, teste *t* de Student, correlação de Pearson e análise de regressão linear múltipla. No estudo de Weber et al. (2019), utilizaram a comparação de variáveis, correlações de Pearson, qui-quadrado e Teste *t* de Student.

Constructos avaliados

As investigações realizadas nos 17 estudos são de diversas áreas do conhecimento e de atuação em psicologia (*e.g.*, Psicologia Social, Psicologia da Educação etc.). Os temas centrais que apareceram em mais de um estudo foram: aculturação (Bustamante et al., 2018; Weber et al., 2019; Zaia, 2007), saúde mental (Brunnet et al., 2017; Bustamante et al., 2018, 2019), qualidade de vida (Barreto et al., 2009; Weber et al., 2019), transtorno de estresse pós-traumático (Brunnet et al., 2017; Bustamante et al., 2018) e políticas públicas (França et al., 2019; Prado & Araújo, 2019).

A aculturação é definida como um processo multidimensional, bidirecional e recíproco (Berry, 1997; Sam & Berry, 2016). Os dois grupos são influenciados, deparando-se com aspectos de envolvimento com a nova cultura e manutenção de traços da cultura original. Nos estudos de Bustamante et al. (2018) e Weber et al. (2019), o processo de aculturação é relacionado à qualidade de vida e à saúde mental, sugerindo que quanto mais o sujeito está integrado e adaptado culturalmente, menor será o nível de estresse, resultando assim um quadro positivo quanto ao estado de saúde e qualidade de vida.

O estudo de Zaia (2007) propôs apresentar uma compreensão teórica do processo de aculturação e do papel que a religiosidade/religião assume nesse processo. No que se refere à utilização de estratégias de aculturação, Zaia (2007) observou que há uma opção pela estratégia de separação – nessa estratégia, o indivíduo tende a valorizar apenas os aspectos de sua cultura original e recusa a integração no novo país (Berry, 1997) –, favorecendo a manutenção de um sentimento de comunidade e a permanência dos valores culturais originais que podem conflitar com os hábitos encontrados no Brasil. A aculturação envolve diversas mudanças nos aspectos de vida dos migrantes, incluindo a linguagem, identidade étnica e cultural, atitudes e valores, entre outros (Bustamante et al., 2018; Zaia, 2007). Os conflitos no processo de aculturação são, muitas vezes, os motivos que levam as famílias de migrantes ao tratamento psicológico ou psiquiátrico (Bustamante et al., 2018).

Nos estudos de saúde mental e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), Bustamante et al. (2018, 2019) ressaltam que vários fatores de risco para TEPT são relatados na literatura, como múltiplos eventos traumáticos, ser vítima de violência (física, psicológica, moral, sexual e patrimonial) e dificuldades econômicas, além de fatores relacionados às dificuldades pós-migração, como redes sociais precárias (por exemplo, solidão e tédio, integração social fraca), acesso precário a serviços de aconselhamento, instabilidade socioeconômica e política (por exemplo, não ter *status* legal de migrante, desemprego), prisão. Em um estudo com migrantes bolivianos em São Paulo–SP, Bustamante et al. (2019) avaliaram as barreiras ao atendimento de saúde e associaram os resultados com os escores da Escala de Avaliação das Barreiras ao Acesso ao Cuidado (BACE) e o risco de transtornos psiquiátricos não psicóticos nessa amostra, verificando que mais da metade da amostra apresentou escores acima de 7 no Self-Report Questionnaire (SRQ), indicando assim alta probabilidade de transtorno mental não psicótico e também sintomas prevalentes para depressão e ansiedade.

Brunnet et al. (2017) investigaram a prevalência e fatores associados ao TEPT, ansiedade e depressão. Como resultado, a prevalência da amostra para TEPT foi de 9,1%. Os sintomas de depressão e ansiedade registraram-se entre 10,6% e 13,6% do total da amostra, respectivamente. Qualitativamente, a sequência de eventos traumáticos, dificuldades de aculturação, discriminação e dificuldades com as redes de apoio social estão associadas à dificuldade no ajustamento cultural aos transtornos mentais.

Nos estudos de qualidade de vida, Weber et al. (2019) objetivaram descrever um panorama da migração haitiana no Rio Grande do Sul, investigando os aspectos psicossociais, orientações aculturativas, preconceito e qualidade de vida. Em relação aos domínios referentes à qualidade de vida, as médias dos migrantes foram mais altas nos domínios físico ($M = 83,65$; $DP = 14,46$) e de relações pessoais ($M = 82,86$; $DP = 18,14$); já os domínios psicológicos ($M = 72,78$; $DP = 15,96$) e meio ambiente ($M = 61,27$; $DP = 16,15$) apresentaram médias pouco inferiores. Essas médias foram comparadas por Weber et al. (2019) aos estudos de Belizaire e Fuertes (2011), e os autores conjecturaram que os migrantes haitianos estariam predispostos a se integrar à comunidade brasileira, apresentando melhor qualidade de vida e menor percepção

de preconceito, quando comparados a migrantes haitianos que estão em outros países, como a França e os EUA.

Nos estudos de Barreto et al. (2009), investigou-se a qualidade de vida de estudantes africanos em João Pessoa/PB, cujas médias dos domínios obtidos foram: domínio físico ($M = 3,87$; $DP = 0,45$), social ($M = 3,69$; $DP = 0,60$), psicológico ($M = 4,14$; $DP = 0,48$) e ambiental ($M = 3,08$; $DP = 0,53$) e domínio geral ($M = 3,87$; $DP = 0,66$). Os resultados do estudo revelaram que os migrantes avaliados desejavam retornar ao país de origem, com intenção de se tornarem bons profissionais. Para os estudantes investigados, o conceito de qualidade de vida está associado a terem condições financeiras melhores, acesso à saúde, à moradia, à educação e ao bem-estar consigo mesmos e com os amigos.

Instrumentos de coleta de dados

Em relação aos instrumentos utilizados para coletar dados, seis estudos utilizaram como instrumento para a coleta de dados a entrevista semiestruturada (Barros & Borges, 2018; Costa & Garcia, 2014; Gomes, 2017; Gondim et al., 2016; Lima & Feitosa, 2017; Zaia, 2007). Dois estudos utilizaram o World Health Organization Quality of Life BREF (WHOQOL – BREF) (Barreto et al., 2009; Weber et al., 2019). Nos estudos de Brunnet et al. (2017) foram aplicados: o Hopkins Symptom Checklist 27 (HSC), a Lista de Experiências de Migração (LiMEs) e a Lista de Verificação de PTSD. Em Carta et al. (2020) foi aplicado o Mood Disorder Questionnaire (MQD). Leão et al. (2017) utilizaram uma entrevista estruturada. Os autores Pizzinato e Sarriera (2004) utilizaram a Revised Class Play (RPC). No estudo de Bustamante et al. (2019) foram aplicados os instrumentos Self-Reporting Questionnaire (SRQ) e a Escala de Avaliação de Barreiras ao Acesso ao Cuidado (Bace). E por fim, além do WHOQOL – BREF, Weber et al. (2019) utilizaram a Immigrant Acculturation Scale (IAS).

Outros aspectos metodológicos

No que diz respeito aos aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, seis trabalhos mencionaram aprovação de um comitê de ética em pesquisa, geralmente vinculado a uma instituição universitária. Cinco estudos relataram ter apresentado ao participante um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), incluindo cláusulas de confidencialidade. Apenas dois estudos não fizeram menção a esse aspecto ético. No total, foram identificados 13 estudos com seres humanos (76,47%) e quatro pesquisas exclusivamente teóricas (23,53%).

Os tipos de pesquisas analisadas foram classificados quanto à natureza e quanto aos procedimentos (Günther, 2006). Quanto à natureza, dez estudos foram descritos como qualitativos e sete como quantitativos. Em relação aos procedimentos, sete estudos realizaram pesquisas de levantamento (*survey*), três conduziram estudos de caso, dois realizaram pesquisa bibliográfica, dois desenvolveram pesquisas documentais, dois realizaram estudo de campo e um conduziu um estudo etnográfico.

Fluxos migratórios

Dois fluxos migratórios foram mais frequentemente investigados nos estudos revisados. A migração haitiana esteve presente em seis dos estudos com seres humanos (46,15%), enquanto a migração oriunda de diferentes países africanos foi abordada em três (25%). A migração haitiana intensificou-se em direção ao Brasil após o terremoto em 2010. Com a concessão de vistos de permanência por razões humanitárias, o Estado brasileiro promoveu legalmente a entrada e residência dos migrantes haitianos (Barros & Borges, 2018; Brunnet et al., 2017, Weber et al., 2019).

Considerado um desastre natural, o terremoto de 2010, cujo epicentro foi em Porto Príncipe (capital do Haiti), deixou aproximadamente 300 mil mortos e afetou cerca de 3 milhões de pessoas em diferentes níveis. O evento provocou alterações nas estruturas familiares, perdas materiais e econômicas, ultrapassando a capacidade de enfrentamento do Estado com seus próprios recursos, agravando ainda mais as condições de precariedade do país. O terremoto tornou-se um marco histórico, deixando profundas marcas nos sobreviventes – desde a experiência traumática de sobreviver até a difícil decisão de deixar sua terra natal (Barros & Borges, 2018).

Para Leão et al. (2017), havia cerca de 39 mil haitianos residindo no Brasil naquele ano, sendo as regiões Sul e Sudeste os principais destinos desse fluxo migratório. Sua pesquisa, realizada na região Centro-Oeste, investigou as condições sociodemográficas e de trabalho de 452 migrantes haitianos residentes em Cuiabá e Várzea Grande, cidades do estado de Mato Grosso. Os resultados indicaram condições sociais, econômicas e excluir laborais precárias entre os participantes. A inserção desses migrantes esteve associada a setores produtivos historicamente submetidos a condições desfavoráveis de execução de trabalho, com repercussões negativas na saúde dos trabalhadores (Leão et al., 2017).

Discussão

As migrações internacionais provocam mudanças nas dinâmicas das sociedades de origem e destino, configurando-se um fenômeno complexo, investigado por diversas áreas do conhecimento (Faqueti et al., 2020; Patarra & Fernandes, 2011; OIM, 2024a). Neste estudo, observa-se o interesse tardio da psicologia brasileira pela temática, com a primeira publicação registrada apenas em 2004, conforme amostra analisada. Não se observa uma concentração de estudos em nacionalidades ou fluxos migratórios, o que contrasta com a diversidade de origens que compõem a história da sociedade brasileira. Tampouco há concentração de publicações em periódicos.

Embora tardio, é possível relacionar o interesse por pesquisar a temática da migração de estrangeiros para o Brasil, conforme demonstram os resultados deste estudo, às mudanças dos fluxos migratórios internacionais, especialmente no Sul Global. Ou seja, a Psicologia brasileira tem buscado acompanhar esse fenômeno social. Por exemplo, a presença dos haitianos no Brasil alterou a dinâmica dos fluxos de entrada de estrangeiros no país: em 2013, passam a ocupar a primeira posição no mercado de trabalho formal brasileiro entre os fluxos migratórios. Além

disso, os haitianos, a partir desse período, começam a utilizar os serviços de educação básica e ensino superior com a finalidade de continuar no país, melhorando as condições de trabalho e qualidade de vida (Cruz et al., 2024). A Psicologia brasileira vem acompanhando essa movimentação, embora de forma ainda modesta, conforme demonstram os cinco artigos aqui revisados sobre a temática (Barros & Borges, 2018; Brunnet et al., 2017; Gomes, 2017; Leão et al., 2017; Weber et al., 2019).

As mudanças nos fluxos migratórios para o Brasil, na década de 2010–2020, indicam a emergência da mobilidade humana Sul-Sul, motivada por deslocamentos inter-regionais na América Latina, pelo barateamento dos custos de transporte e condições políticas vigentes na região, como os acordos bilaterais. Em 2022, acompanhando essa dinâmica, os venezuelanos constituíram o principal grupo solicitante da condição de refúgio no Brasil, representando 67% do total de solicitações (Cavalcanti et al., 2023). Para Jarochinski-Silva e Baeninger (2021), o fluxo migratório de venezuelanos com os principais destinos nos países latino-americanos configura a mais expressiva mobilidade humana na contemporaneidade. A Psicologia, seguindo o interesse pelos processos migratórios, já registra novas pesquisas sobre a temática, como a de Santos et al. (2025).

Os estudos revisados, como os de França et al. (2019) e Prado e Araújo (2019), destacam que o acolhimento dos migrantes, devido à ausência de legislação até o ano de 2017, deu-se em grande parte por meio de organizações não governamentais (ONGs). Ressaltam também a centralidade de instituições religiosas no processo de acolhimento de migrantes, como a Pastoral do Migrante e a Rede Cáritas, que é vinculada no país à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Além das ONGs e das instituições religiosas, as universidades também se destacaram por meio da realização de cursos de idiomas voltados para este público.

Os serviços oferecidos por ONGs e instituições são saídas para a precariedade de políticas públicas voltadas para os migrantes que chegam ao país em situação de vulnerabilidade social. Além do acesso precário aos serviços públicos, há a necessidade de capacitação de profissionais, a fim de reduzir as dificuldades de comunicação e a falta de conhecimento por parte dos profissionais e dos migrantes acerca dos direitos (Bezerra, 2021; Cruz et al., 2024). Esse ponto é destacado pelos estudos aqui revisados, como os de França et al. (2017) e Prado & Araújo (2019), que apontam deficiências na promoção de debates aprofundados e na efetiva aplicação das políticas públicas.

Sobre essa matéria, não há na atualidade normas de referências técnicas para a atuação de psicólogos no acolhimento e atendimento de migrantes no país. Porém, já existem discussões em andamento no Conselho Federal de Psicologia (CFP), no âmbito do Centro de Referência Técnica de Psicologia e Políticas Pública (Crepop). Em 2024, foi publicada na íntegra a transcrição do evento XII Seminário Nacional de Psicologia e Políticas Públicas: Interface entre Psicologia e Populações em Situação de Refúgio, Migração e Apátrida (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2024). O evento atendeu a uma demanda de solicitação para a elaboração de uma norma técnica, demanda solicitada no 11º Congresso Nacional de Psicologia (CNP) em 2022. Outro evento na

agenda do CFP, o 1º Congresso Brasileiro de Psicologia e Migração, realizado também no ano de 2024, marca o interesse recente pelos estudos migratórios. Podemos conjecturar que a pesquisa produzida até o momento tenha tido um papel motivador para essas iniciativas, além de esses eventos terem o potencial de estimular novos estudos na temática.

Fora do Brasil, a temática das migrações vem recebendo atenção na área da Psicologia. Nos EUA, por exemplo, a APA elaborou diretrizes em 2013 focando os fatores psicológicos relacionados à experiência migratória, norteando práticas e sugerindo políticas públicas (APA, 2013a). Em 2017, a APA atualizou as Diretrizes Multiculturais (Multicultural Guidelines) reafirmando o compromisso da Psicologia com as diversidades e as práticas multiculturais (APA, 2017).

Em 2024, a OIM, junto ao Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), lançou o manual Orientações para o Atendimento a Migrantes Internacionais no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). A Política do SUAS é um espaço consolidado e um espaço de atuação para profissionais da Psicologia em todo o país. O manual orienta os profissionais com o objetivo de qualificar o atendimento e acolhimento de migrantes em órgãos e serviços socioassistenciais (OIM, 2024b). A garantia dos direitos do migrante impacta o processo de acolhimento e adaptação. Weber et al. (2019) destacam a importância da orientação aculturativa de integração, no sentido da adaptação cultural, correlacionada aos acessos à assistência social, reiterando a relevância do acesso às políticas sociais.

Os estudos que utilizaram as narrativas e as histórias dos migrantes de países da América Latina, Caribe e Continente Africano (Barros & Borges, 2018; Gondim et al., 2016; Gomes, 2017; Lima & Feitosa, 2017) relatam em seus resultados a presença de preconceito e xenofobia, presentes na inserção dos migrantes à sociedade brasileira. Para Gondim et al. (2016), há sentimento de ambivalência em relação à interação e à receptividade de brasileiros. Em seu estudo, esses pesquisadores relatam a identificação de comportamentos discriminatórios e sentimentos hostis no ambiente de trabalho. Os relatos e evidências de preconceito e discriminação de brasileiros contra migrantes, principalmente oriundos do continente africano e América Latina, colocam em xeque o mito de hospitalidade brasileira (Bezerra, 2021; Gondim et al., 2016).

Gomes (2017) relatou que a maior parte dos haitianos, estudantes e trabalhadores, não se sentiam discriminados e que os brasileiros não apresentavam atitudes preconceituosas contra eles. Apesar disso, durante as observações em campo, foram presenciadas cenas de evidente exclusão e segregação: em uma praça na região central, que geralmente é utilizada por trabalhadores durante o intervalo do almoço, os lugares com sombra eram ocupados por brasileiros e brancos em sua maioria; já no refeitório de uma universidade, a divisão por raça e nacionalidade ocorria de modo evidente. Outra observação relatada por Gomes (2017) refere-se à segregação produzida na geografia urbana: cerca de 60 haitianos foram convidados a trabalhar em uma determinada fábrica, sendo alojados em uma região afastada da cidade, à beira de uma estrada e distante de qualquer tipo de serviço socioassistencial. Cruz et al. (2024) relatam a percepção de preconceito contra migrantes haitianos no ambiente de trabalho, como segregação, divisão de serviços que beneficiavam brasileiros, entre outros. Também destacam as condições de moradia

dessas pessoas, ressaltando a necessidade de aglomeração residencial para contornar os baixos salários e altos aluguéis, exemplificada pelo fato de 14 pessoas residirem na mesma casa.

Analisando os estudos revisados, quanto à utilização de técnicas de análises e de instrumentos para investigar o fenômeno da migração, conclui-se que não há prevalência de métodos de análise. Além disso, não há estudos que se direcionam à criação e validação de instrumentos para investigação dos fenômenos que envolvem a migração. Apenas dois estudos utilizaram instrumentos específicos para a investigação das populações estudadas (Brunnet et al., 2017; Weber et al., 2018).

Os estudos que utilizaram as narrativas e modos de vida dos migrantes apontam para a dificuldade com a adaptação cultural, com o idioma, a saudade, rupturas familiares, o preconceito e as práticas discriminatórias, dificuldades relacionadas ao trabalho, a hospitalidade de alguns brasileiros e a busca por melhores condições de vida. Os estudos que propuseram investigar questões relacionadas à Saúde Mental e Psicopatologia focaram temas como estresse pós-traumático, ansiedade e depressão, considerando os impactos psicossociais do processo de migração. E por fim, os estudos de revisão de literatura e documentos buscaram investigar o acesso dos migrantes às políticas públicas de saúde, educação, trabalho e direitos humanos, investigando também a agenda de leis e os decretos que resultam no acolhimento desses migrantes.

Este estudo possibilitou mapear e descrever como a Psicologia vem investigando os fluxos migratórios internacionais para o Brasil, descrevendo também amostras estudadas, construtos investigados, instrumentos, procedimentos de coleta e análise de dados. Uma limitação desta pesquisa refere-se ao número de bases de dados utilizadas para a busca dos documentos empíricos, as quais poderiam ser ampliadas a fim de garantir maior abrangência de estudos disponíveis. A partir de uma agenda de pesquisa desenvolvida pelos autores, pretende-se realizar uma revisão sistemática nos bancos de teses e dissertações dos programas de pós-graduação em Psicologia, a fim de descrever e comparar os resultados com este estudo. Por último, aponta-se como sugestão para outros estudos e intervenções disponíveis na área da Psicologia, dada a importância do fenômeno e abrangência das migrações para o Brasil, novos estudos de revisão envolvendo nacionalidades especificamente, a criação e a validação de instrumentos que investigam os fenômenos que envolvem o processo de migração e a adaptação cultural. Espera-se, com novos estudos, incentivar a criação e a melhoria de políticas públicas, de acolhimento, saúde, educação e assistência.

Agradecimentos

Os autores agradecem a Frederico Neves Condé e Jeferson Camargo Tabora pela leitura de uma versão inicial do texto.

Referências

- American Psychological Association - APA. (2013a). Crossroads: The Psychology of Immigration in New Century. *Journal of Latina/o Psychology*, 1(3), 133-148. <https://doi.org/10.1037/lat0000001>
- American Psychological Association - APA. (2023b). Acculturation. <https://dictionary.apa.org/acculturation>
- American Psychological Association - APA. (2023c). Deculturation. [excluir https://dictionary.apa.org/deculturation](https://dictionary.apa.org/deculturation)
- American Psychological Association. 2017. *Multicultural Guidelines: An Ecological Approach to Context, Identity, and Intersectionality*. <http://www.apa.org/about/policy/multicultural-guidelines.pdf>
- Audebert, C., Joseph, H., & Miranda, B. (2023). Diásporas negras: Negritudes em movimento e os movimentos das negritudes. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 31(67), 15-35. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880006703>
- Baptista, E. A., Campos, J., & Rigotti, J. I. R. (2017). Migração de retorno no Brasil. *Mercator*, 16. <https://doi.org/10.4215/rm2017.e16010>
- Barreto, L. M. D. S., Coutinho, M. P., & Ribeiro, C. G. (2009). Qualidade de vida no contexto migratório: um estudo com imigrantes africanos residentes em João Pessoa-PB, Brasil. *Mudanças*, 17(2), 116-122. <https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v17n2p116-122>
- Barros, A. F. O., & Borges, L. M. (2018). Reconstrução em Movimento: Impactos do Terremoto de 2010 em Imigrantes Haitianos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 38(1), 157-171. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003122016>
- Belizaire, L. S., & Fuertes, J. N. (2011). Attachment, coping, acculturative stress, and quality of life among Haitian immigrants. *Journal of Counseling and Development*, 89(1), 89-97. <https://doi.org/10.1002/1002/j.1556-6678.2011.tb00064.x>
- Berry, J. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology*, 46(1). <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.1997.tb01087.x>
- Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Pandey, J., Segall, M. H., & Dasen, P. R. (2011). *Handbook of Cross-cultural psychology. Research and applications* (3a ed.). Cambridge University Press.
- Bezerra, F. S. (2021). *Refugiados em Mato Grosso do Sul: o mito do acolhimento*. Pimenta Cultural.
- Brunnet, A. E., Bolaséll, L. T., Weber, J. L. A., & Kristensen, C. H. (2017). Prevalence and factors associated with PTSD, anxiety and depression symptoms in Haitian migrants in southern Brazil. *International Journal of Social Psychiatry*, 64(1), 17-25. <https://dx.doi.org/10.1177/0020764017737802>
- Bustamante, L. H. U., Cerqueira, R. O., Leclerc, E., & Brietzke, E. (2018). Stress, trauma, and posttraumatic stress disorder in migrants: a comprehensive review. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 40(2), 220-225. <https://www.scielo.br/j/rbp/a/QdgsR96RJHqJxc3Qf33Xvq/?lang=en>
- Bustamante, L. H., Cerqueira, R. O., De Marzio, F., Leite, K. P., Cadurin, T. D. P., Leclerc, E., Vistorte, A. O. R., Evans-Lacko, S., & Brietzke, E. (2019). Barriers to care and psychopathology among Bolivian migrants living in São Paulo, Brazil. *Transcultural Psychiatry*, 57(1), 71-80. <https://doi.org/10.1177/1363461519853639>
- Carta, M. G., Moro, M. F., Piras, M., Ledda, V., Prina, E., Stochino, S., Orrù, G., Romano, F., Brasesco, M. V., Freire, R. C., Nardi, A. E., & Tondo, L. (2020). Megacities, migration and an evolutionary approach to bipolar disorder: a study of Sardinian immigrants in Latin America. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 42(1), 63-67. <https://www.scielo.br/j/rbp/a/jvx6yGZ4x3FFP3QW3s5nZrN/?lang=en>
- Castles, S. (2000). International Migration at the beginning of the Twenty-first century: global trends and issues. *International Social Science Journal*, 52, 269-281. <https://doi:10.1111/14682451.00258>
- Cavalcanti, L. O., Silva, B. G. T. (2021). *Relatório Anual 2021 (2011-2020): Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil*. (Série Migrações). Observatório das Migrações Internacionais, Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>
- Cavalcanti, L., Botega, T., & Tonhati, T. (Orgs.). (2017). *Dicionário crítico de migrações internacionais*. Editora UnB. <https://doi.org/10.7476/9788523013400>

- Cavalcanti, L., Oliveira, T., & Silva, S. L. (2023). *Relatório anual OBMigra 2023 – OBMigra 10 anos: Pesquisa, dados e contribuições para políticas* (Série Migrações). Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração; Coordenação Geral de Imigração Laboral.
- Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia, & Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. (2024). *XII Seminário de Psicologia e Políticas Públicas: Interface entre psicologia e populações em situação de refúgio, migração e apatridia* (1a ed.). Conselho Federal de Psicologia.
- Costa, L. Q. M., & Garcia, A. (2014). Amizade e migração internacional: o caso de gregos no Espírito Santo. *Interação em Psicologia*, 18(3), 297–308. <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/29254/28226>
- Cruz, W. S., Peres, A. J. S., & Almeida, L. P. (2024). Migration, cultural adaptation, and work: Haitians in Mato Grosso do Sul. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 58(1), e1929. <https://doi.org/10.30849/ripij.v58i1.1929>
- Danfá, L., & Aléssio, R. L. S. (2020). Imigração africana e psicologia: uma revisão sistemática da literatura brasileira. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(3) 113–128. <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2020v72i3p.113-128>
- Dantas, S. (2016). Migração, prevenção em saúde mental e rede digital. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 24(46), 143–157. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004610>
- Dota, E. M. & Queiroz, S. N. (2019). Migração interna em tempos de crise no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 21(2). <https://doi.org/10.22296/2317-1529.2019v21n2p415>
- Faqueti, A., Grisotti, M., & Risson, A. P. (2020). Saúde de imigrantes haitianos: revisão de estudos empíricos qualitativos. *Interface*, 24. <https://doi.org/10.1590/Interface.190311>
- Fonseca, L. B. da. (2020). Narrativas e políticas de um sertão e suas vidas severinas. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3), 246–252. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5686>
- França, R. A., Ramos, W. M., & Montagner, M. I. (2019). Mapeamento de políticas públicas para os refugiados no Brasil. *Estudos & Pesquisas em Psicologia*, 19(1), 89–106. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43008/29719>
- Franken, I., Coutinho, M. P. L., & Ramos, M. N. P. (2012). Representações sociais, saúde mental e imigração internacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1) 202–219. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000100015>
- Gomes, M. A. (2017). Os impactos subjetivos dos fluxos migratórios: os haitianos em Florianópolis (SC). *Psicologia e Sociedade*, 29, e162484–e162484. <https://www.scielo.br/jj/psoc/a/GrDRSxGZLLQDthNFY9W-pqt/abstract/?lang=pt>
- Gonçalves, P. C. (2017). Escravos e migrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora Oitocentista. *Almanack*, 17, 307–361. <https://doi.org/10.1590/2236-463320171710>
- Gondim, S. M. G., Techio, E. M., Lima, D. C. R., Farias, I., Pacheco, S., Becker, J., Rocha, A. C., & Magalhães, L. (2016). Percepção de amabilidade e hostilidade para com estrangeiros: um estudo qualitativo. *Psicologia e Saber Social*, 5(2), 91–111. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/19325/19727>
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201–209. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>
- International Organization for Migration. (2013). *World Migration Report 2013: Migrant Well-Being and Development*. http://publications.iom.int/bookstore/free/WMR2013_EN.pdf
- International Organization for Migration. (2024a). *World Migration Report 2024*. <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd1496/files/documents/2024-05/world-migration-report-2024.pdf>
- International Organization for Migration. (2024b). *Orientações para o atendimento a migrantes internacionais no Sistema Único de Assistência Social (SUAS)*. <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd1496/files/documents/2024-04/orientacoes-para-o-atendimento-a-migrantes-internacionais-no-sistema-unico-de-assistencia-social-suas.pdf>
- Jesus, A. D. (2020). *Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul*. [Tese de Doutorado em Geografia, UFGD]. <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/3901>

- Leão, L. H. D. C., Muraro, A. P., Palos, C. C., Martins, M. A. C., & Borges, F. B. (2017). Migração internacional, saúde e trabalho: uma análise sobre os haitianos em Mato Grosso, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, 33(7), e00181816–e00181816. <https://www.scielo.br/j/csp/a/Kq4zLH8G36sWwVlJpLSLFrz/abstract/?lang=pt>
- Lima, L. D. S., & Feitosa, G. G. (2017). Sair da África para estudar no Brasil: fluxos em discussão. *Psicologia e Sociedade*, 29, e162231–e162231. <https://www.scielo.br/j/psoc/a/RQyvYCxMBrrLDBptCNRvGr/?lang=pt>
- Martens, A. C. B., & Fazito, D. (2010). Solidarity and social networks: Economic sociology of international migration and the Brazilian case. *Economic Sociology: The European Electronic Newsletter*, 11(3), 43–53. https://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/martens_-_solidarity_and_social_networks.pdf
- Michaelis. (2023a). *Aculturação*. In *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. UOL. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/acultura%C3%A7%C3%A3o/>
- Michaelis. (2023b). *Desculturação*. In *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. UOL. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/descultura%C3%A7%C3%A3o/>
- Oliveira, V. M. A. de. (2021). A imigração como uma marca na identidade cultural brasileira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihrgs/article/view/112211>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., McGuinness, L. A., & Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ (Clinical research ed.)*, 372(71). <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Patarra, N. L., & Fernandes, D. (2011) Brasil: país de migração? *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 3(24), 65–91. <http://aulp.org/wp-content/uploads/2019/01/RILP24.pdf#page=360>
- Pessôa, B. M. S., & Kohatsu, L. N. (2023). Migração, comida e identidade: Experiências de dekasseguis. *Ambivalências*, 11(21), 159–193. <https://doi.org/10.21665/2318-3888.v11n21p159-193>
- Pizzinato, A., & Sarriera, J. C. (2004). Identidade étnico-nacional e competência social em escolas de Porto Alegre. *Aletheia* (19), 7–20. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-25918>
- Prado, M. A. M., & Araújo, S. A. (2019). Políticas de atendimento a migrantes e refugiados no Brasil e aproximações da psicologia. *Revista Psicologia Política*, 19(46), 570–583. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000300014
- Rudmin, F. et al. (2017). Acculturation Research Critiques and Alternative Research Designs, In S. J. Schwartz, & J. Unger (Eds.), *The Oxford Handbook of Acculturation and Health* (pp. 75–96). Oxford Library of Psychology.
- Sagawa, R. Y. (2010). Uma violência massificada de brasileiros contra japoneses [The massificated violence from Brazilians against Japanese]. *Psicólogo Informação*, 14(14), 122–138. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PINFOR/article/viewFile/2346/2332>
- Sam, D. K., & Berry, J. W. (2016). *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781316219218>
- Santos, P. B., Gil, P. H. C., & Pizzinato, A. (2025). Representações sociais de médicos da Atenção Básica sobre a migração venezuelana ao Brasil. *Psicologia: Argumento*, 43(120). <https://doi.org/10.7213/psicologar-gum.43.120.A001>
- Silva, J. C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2018). Psicologia dos Deslocamentos e Migração Forçada: uma revisão sistemática da literatura científica. *Estudos de Psicologia*, 35(2), 127–136. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000200002>
- Tashima, J. N., & Torres, C. V. (2018). Percepções de brasileiros acerca do processo de adaptação cultural ao Japão. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 26(52), 223–241. <https://doi.org/10.1590/1980-85852503880005213>

- Tashima, J. N. (2018). *Adaptação cultural de imigrantes brasileiros no Japão*. [Tese de Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações] Universidade de Brasília. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31833>
- Thomson Reuters (2020). *EndNote Web*. <https://access.clarivate.com/login?app=endnote>
- Weber, J. L. A., Brunnet, A. E., Lobo, N. D. S., Cargnelutti, E. S., & Pizzinato, A. (2019). Imigração haitiana no Rio Grande do Sul: aspectos psicossociais, aculturação, preconceito e qualidade de vida. *Psico USF*, 24(1), 173–185. <https://www.scielo.br/jj/opusf/a/kLKxCyZhY3vGKwT6tzhzwj/?lang=pt&format=pdf>
- Zaia, M. C. (2007). Imigrantes muçulmanas em São Paulo: Um estudo a partir da psicologia intercultural. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 15(28). <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/16>

Contribuição de cada autor na elaboração do trabalho:

Wydglan da Silva Cruz: Conceituação, investigação, visualização e escrita – esboço original, revisão e edição.

Alexandre José de Souza Peres: Conceituação, investigação, visualização e escrita – esboço original, revisão e edição.

EQUIPE EDITORIAL

Editor-chefe

Alexandre Luiz de Oliveira Serpa

Editores Associados

Alessandra Gotuzo Seabra
Ana Alexandra Caldas Osório
Cristiane Silvestre de Paula
Luiz Renato Rodrigues Carreiro
Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Editores de Seção

“Avaliação Psicológica”

André Luiz de Carvalho Braule Pinto
Danielle de Souza Costa
Natália Becker
Lisandra Borges Vieira Lima
Luiz Renato Rodrigues Carreiro
Thatiana Helena de Lima

“Psicologia e Educação”

Alessandra Gotuzo Seabra
Carlo Schmidt
Kátia Carvalho Amaral Faro

“Psicologia Social e Saúde das Populações”

Fernanda Maria Munhoz Salgado
Gabriel Gaudencio do Rêgo
João Gabriel Maracci Cardoso

“Psicologia Clínica”

Cândida Helena Lopes Alves
Julia Garcia Durand
Vinicius Pereira de Sousa

“Desenvolvimento Humano”

Ana Alexandra Caldas Osório
Cristiane Silvestre de Paula
João Rodrigo Maciel Portes

Artigos de Revisão

Jessica Mayumi Maruyama

Suporte Técnico

Maria Gabriela Maglio
Davi Mendes

PRODUÇÃO EDITORIAL

Coordenação editorial

Surane Chiliani Vellenich

Estagiária Editorial

Sofia Lustosa de Oliveira da Silva

Preparação de originais

Luciana Moreira

Revisão

Hebe Ester Lucas

Diagramação

Studio Acqua